

## INSATISFAÇÃO DE ADOLESCENTES COM O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

**Carolina Ferreira Peterle** (FAEN/UFMT) - carolsce18@gmail.com

**Caroline Lima Fonseca** (FAEN/UFMT) - carolinefonseca99@gmail.com

**Bruna Hinnah Borges Martins de Freitas** (PPGENF/UFMT) – bruna.freitas@ufmt.br

**Maria Aparecida Munhoz Gaíva** (PPGENF/UFMT) – mamgaiva@yahoo.com.br

GT 2: Educação e Comunicação

### Resumo:

A pandemia de COVID-19 tem implicado em inúmeras alterações na vida diária da população mundial, particularmente, a quarentena doméstica, a suspensão das aulas presenciais e a imposição do ensino remoto emergencial tem refletido na qualidade da educação infantojuvenil. Dessa forma, este estudo objetivou analisar a satisfação de adolescentes jovens com o ensino remoto emergencial em tempos de pandemia. Trata-se de um estudo de caráter exploratório com abordagem qualitativa, desenvolvido com adolescentes matriculados no ensino médio de escolas públicas e privadas de Cuiabá, Mato Grosso. Através dos dados obtidos, constatou-se o predomínio do descontentamento com a qualidade do ensino por meio dos relatos de incompreensão dos conteúdos, da falta de estar em sala de aula e interagir presencialmente com os pares e professores, da sensação de solidão e da dificuldade no controle do uso de dispositivos durante as aulas, sentimentos que podem implicar em sofrimento psicológico e outras condições de saúde mental. Considera-se que há uma insatisfação com o ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 por parte dos adolescentes, pois este foi insuficiente para assegurar uma aprendizagem significativa com a construção do conhecimento necessário para o ensino médio.

**Palavras-chave:** Aprendizado online. Tecnologia. Adolescentes. Ensino Médio. Covid-19.

### 1 Introdução

Em março de 2020 foi declarado o estado de Emergência de Saúde Pública Internacional (ESPII) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no momento em que o mundo se deparava com a COVID-19, causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2) (SOUZA *et al.*, 2021). Desde então, acompanhamos um quadro sanitário sem precedentes nos últimos 100 anos que demandou a implantação de medidas de distanciamento físico, orientando a população para a restrição domiciliar, com o objetivo de controlar a transmissão do vírus (AQUINO *et al.*, 2020).

Nesse sentido, a pandemia de COVID-19 ocasionou a suspensão das aulas nas escolas, impondo o Ensino Remoto Emergencial (ERE) como alternativa para a continuidade das atividades pedagógicas, com o intuito de diminuir os prejuízos derivados deste cenário (SANTO; TRINDADE; 2020). No entanto, destaca-se a presença de dificuldades na implementação de ações pedagógicas, ao considerar a heterogeneidade e a complexidade do contexto educacional, socioeconômico e cultural do Brasil (SANTANA; BORGES SALES, 2020).

Dessa forma, apesar de ainda não ser possível mensurar os reais impactos da pandemia, visto que até o momento está em vigor, alguns impactos na educação já podem ser

percebidos/esperados como o aumento da defasagem escolar, a interrupção da aprendizagem, a má nutrição, a confusão e estresse para os professores, a elevação na taxa de evasão escolar, além do desafio para medir e validar o que se aprendeu durante o ERE (BERG; BLUM VESTENA; COSTA-LOBO, 2020; HUANG *et al.*, 2020).

Segundo relatório do Banco Mundial (2021) os impactos negativos causados pela pandemia de COVID-19 na educação brasileira podem ser graves e duradouros. Assim, faz-se necessário o conhecimento acerca da satisfação dos adolescentes com o ERE, possibilitando o planejamento e implementação de ações de saúde e educação baseadas na realidade para mitigar tais impactos na retomada das aulas presenciais e na saúde mental dos adolescentes. Portanto, este estudo objetivou analisar a satisfação de adolescentes jovens sobre o ensino remoto em tempos de pandemia.

## 2 Métodos

Estudo de caráter exploratório com abordagem qualitativa, desenvolvido com adolescentes jovens matriculados no ensino médio de escolas públicas e privadas. Trata-se de um recorte do subprojeto “Estilo de vida de adolescentes jovens no contexto da pandemia de Covid-19” de uma pesquisa matricial submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer favorável obtido em 20 de abril de 2021 sob o nº 4.661.013. Houve a autorização e apoio da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

Então, estabeleceu-se o contato presencial ou online (a depender da preferência da escola) para a solicitação de autorização e apoio das mesmas para a coleta de dados. Participaram da pesquisa adolescentes de oito escolas públicas e duas escolas privadas. Foram elegíveis os que tinham entre 15 e 18 anos de idade, que assentiram em participar da pesquisa, com autorização dos pais/responsáveis. Os adolescentes foram convidados a participar do estudo por meio dos grupos em aplicativos de mensagens estabelecidos com as escolas e/ou e-mails dos pais/responsáveis.

A coleta de dados foi realizada em julho de 2021 com 16 adolescentes selecionados de modo intencional e por conveniência, por meio de entrevistas em grupos focais (GFs) realizadas no aplicativo WhatsApp®, uma vez que é bem aceito entre os adolescentes e contempla a opção de chamada de vídeo. Foram estabelecidos cinco GFs. O recrutamento foi encerrado em virtude do alcance do poder de informação suficiente para responder ao objetivo proposto (MALTERUD; SIERSMA; GUASSORA, 2016).

A entrevista foi realizada por uma doutoranda em enfermagem, a qual atuou como moderadora e por duas estudantes de graduação em Enfermagem (integrantes da equipe de campo), as quais atuaram como relatoras dos GFs, sendo uma nos GFs ímpares e outra nos pares. Enquanto a moderadora teve o papel de focalizar o tema, promovendo a participação de todos e inibindo os monopolizadores da palavra, o relator registrou o encontro e o gravou em formato de áudio e vídeo.

Foi realizado um encontro com cada grupo, composto pelos momentos-chave baseados em pesquisa anterior (KINALSKI *et al.*, 2017): abertura da sessão, acolhimento dos participantes, esclarecimento sobre a dinâmica de discussão participativa, estabelecimento do *setting*, debate, síntese e encerramento da sessão. O tempo de entrevista variou entre 51 e 106 minutos entre os grupos. A entrevista iniciou com o seguinte estímulo inicial: “Você está satisfeito com seus estudos? Me fale a respeito”.

Sequencialmente, as entrevistas foram transcritas e, na sequência, organizadas por códigos e submetidas à análise do conteúdo (BARDIN, 2016). O software Atlas.ti 9.1.5.0 serviu como apoio nesta análise. As citações dos participantes foram apresentadas contendo os nomes fictícios escolhidos por eles próprios e a idade.

### 3 Resultados e Discussão

#### 3.1 Insatisfação com o ensino remoto durante a pandemia de Covid-19

Observou-se que os adolescentes jovens investigados se sentem insatisfeitos com o ERE implementado no período da pandemia de Covid-19, pois estão apresentando dificuldade na aprendizagem mediada por tecnologias digitais sem a presença física do professor. Segundo eles, sentem falta das aulas presenciais, do contato com os pares e do acompanhamento constante do professor durante o desenvolvimento das atividades acadêmicas:

*[...] meu segundo ano, nossa, foi solitário demais, tinha as aulas online né, muito chato, aí a gente não consegue aprender muito bem. Os professores não entram em sala às vezes, não entravam né, agora está mais rígido, mas nossa muito ruim[...]. Ah eu não estou muito satisfeita não, porque é online né, eu prefiro o ensino presencial (Mary, 17 anos). Para mim tem sido mais difícil né, por causa que eu não sou muito chegado em aula pela internet. Eu sou mais de aula presencial mesmo, e lá na escola tem as amizades, tem tarefa. Aula no celular, assim, fica mais complicado, porque o professor passa tarefa, cada vez vai*

*passando mais tarefa e, às vezes, a gente acaba esquecendo. Nas aulas presenciais não, o professor vai passando tarefa e a gente já vai fazendo, fazendo tudinho (Antônio, 15 anos).*

*Eu não estou nada satisfeito, [...] eu era muito mais focado, aluno prodígio (risos). É sério! Só acho que eu era mais inteligente do que hoje. [...] (Apolo, 17 anos).*

A insatisfação com o ERE foi verificada também em outro estudo desenvolvido com estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada do interior de Mato Grosso. Eles relataram maiores adversidades relacionadas à incompreensão dos conteúdos, a falta de estar em sala de aula e interagir presencialmente com os pares e professores, o ambiente doméstico inadequado ou não muito apropriado para estudar (MÉDICI; TATTO; LEÃO, 2020). Portanto, há uma necessidade de interação física uma vez que a aprendizagem é favorecida em meios colaborativos.

Há um sentimento de abandono percebido pelos adolescentes por parte da escola, no qual se percebem sozinhos no percurso do processo de ensino-aprendizagem. Ressaltam que o ERE não foi promissor, pelo contrário, foi “muito ruim” e, por isso, não estão satisfeitos com as condições impostas pela pandemia de Covid-19 à educação. Mesmo que muitos professores se empenhem no ERE, eles acreditam que o aprendizado é muito mais significativo em sala de aula, com a presença física do professor:

*Eu me senti meio que abandonada pela escola, porque o que já não era bom... É tipo assim, a escola ficou na minha opinião, ficou muito ruim! [...] É complicado, porque o seu ensino a partir daquele momento que você está online depende de você e você, tipo, você praticamente não tem alguém te auxiliando, olhando, falando [...] Não estou nem um pouco satisfeita! Está muito ruim! Eu acho que você aprende muito mais com o professor ali do lado te explicando, com você presencialmente (Luiza, 16 anos).*

*Ah pra mim é ruim porque na escola eu acho que eu aprendo muito mais do que virtual (Alexandre, 16 anos).*

*Eu tenho clareza que meu ensino médio foi uma bosta, que eu não aprendi porra nenhuma e eu estou tendo que aprender agora, esse ano [...] (Pedro, 18 anos).*

*Ficou meio difícil esse modo de ensino que está agora. Os meus professores são ótimos sabe, explicam super bem, só que eu sou uma*

*pessoa que, tipo, eu fico muito nervosa quando vou conversar com alguém e... tipo, eu não consigo pedir ajuda, tipo, perguntar, tirar alguma dúvida, essas coisas assim, eu me atrapalho um pouco (Ísis, 15 anos).*

Apesar dos esforços dos professores em se reinventar e inovar nas estratégias pedagógicas, o ERE tem se revelado ineficiente na substituição da presença física na escola. Santos et al. (2021) expõem as dificuldades evidenciadas pelos professores, que referem, o empobrecimento da comunicação, da partilha de vivências, das expressões, dos sentimentos, das emoções, da construção de conhecimentos, das práticas e saberes entre docente e discente. Além da ausência da interação e da relação interpessoal natural e física, face a face, que reflete na consolidação da lógica bidirecional do ensino (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021). Conseqüentemente, a dificuldade dos estudantes é retratada nos baixos níveis de aprendizagem e estimulação cognitiva limitada, perceptível através da própria constatação dos adolescentes por meio de seus relatos (SCARPELLINI *et al.*, 2021)

Alguns adolescentes realizam as aulas remotas via computador e, outros, pelos seus smartphones. Percebe-se que há uma distração por parte dos adolescentes devido ao uso do smartphone durante as aulas. A liberdade gerada no ensino remoto faz com que os adolescentes utilizem-no de maneira indiscriminada, repercutindo negativamente no desempenho acadêmico. Há uma consciência acerca desse impacto, resultando em sofrimento aos mesmos, os quais relatam dificuldade no controle do uso do dispositivo e em manter a atenção e foco nos estudos:

*Não prestar atenção e ficar se distraindo com as coisas do celular (Luiza, 16 anos).*

*Eu só mexia no celular, estudar assim, estudar de verdade, nem estudei direito assim, sabe? [...] Você começa a estudar um pouco, aí você sente falta de mexer, de ver algo que está acontecendo. [...] Aí eu ficava triste porque eu não estava estudando, não estava dando o melhor de mim, e aí vinha aquela vontade de chorar. [...] Eu fico, duas aulas eu assisto, aí depois eu me perco de novo no celular (Jaqueline, 16 anos).  
[...] Estudar em casa está sendo muito difícil [...] eu fico triste, porque eu penso que eu só tenho que estudar e eu não consigo sentar e estudar, [...] acabo não prestando atenção, me distraindo com outras coisas, com mensagens, porque não dá para estudar sem estar ligada com a internet. Então, tipo, qualquer coisa que chega acabo me distraindo ou*

*com coisas de casa mesmo e acabo ficando triste porque eu não consigo estudar e fica aquela pressão [...] (Liana, 17 anos).*

*Em relação aos estudos você fica mexendo no celular aí depois vem a consciência pesada, poderia estar esse tempo mexendo no celular, estudando, só que aí a gente mesmo tendo essa consciência, a gente não faz o que está pensando, a gente continua no celular, mexendo em rede social. Parece que o celular chama a gente tipo, o celular está ali longe, a gente está tentando prestar atenção, só que aí a gente fica com uma vontade de pegar e quando pega não solta mais (Mary, 17 anos).*

O ERE requer o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) para promover a intermediação entre alunos e professores, favorecendo assim a troca de conhecimentos, sendo que podem ser acessadas via computador/notebook ou smartphone. Entretanto, dados de 2018 da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) revelam que apenas 9% dos domicílios brasileiros das camadas de renda D e E possuem computador. De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2018), o telefone celular era o único meio de acesso à Internet, sobretudo nas classes C (61%), e D e E (85%).

Nesse sentido, durante a pandemia, evidenciou-se o aumento do uso do smartphone pelos adolescentes devido ao ERE, mas também para outros fins, como para se sentirem conectados aos amigos e ao mundo e se entreterem. Assim, de acordo com pesquisa, antes da pandemia, apenas 16,3% dos estudantes italianos, de 13 a 18 anos, passavam mais de 4 horas por dia usando o celular, em contrapartida, durante a pandemia 66,3% utilizaram o aparelho por este tempo. Contudo, este uso indiscriminado pode acarretar diversos efeitos clínicos, comportamentais, psicológicos e sociais, os quais devem ser identificados por familiares e por profissionais de saúde e educação (SERRA *et al.*, 2020).

Em estudo realizado com adolescentes na Turquia, de 12 a 18 anos, 61,1% demonstraram preocupação com o futuro escolar e 15,2% afirmaram estarem muito preocupados (KILINÇEL *et al.*, 2021). Dessa forma, o retorno ao ensino presencial, após a desaceleração da transmissão do novo coronavírus, necessitará do empenho de todos, entre eles, professores, familiares, poder público e os próprios estudantes, para que se unam-se as forças na implementação de soluções frente às dificuldades advindas do período de ERE, de modo a assegurar a aprendizagem necessária (MÉDICI; TATTO; LEÃO, 2020).

A falta de estruturação do cotidiano escolar e a ausência de interações com os pares, aliadas a uma rotina de quarentena doméstica instável, têm repercutido nas condições emocionais e comportamentais dos adolescentes em todo o mundo. Nesse sentido, a retomada

das aulas presenciais nas escolas, com fomento de interações sociais reais serão essenciais para o bem-estar dos escolares. Essa convivência possui um papel extremamente relevante na prevenção do sofrimento psicoemocional, como ansiedade e depressão (SCARPELLINI *et al.*, 2021).

## 5 Considerações finais

Considera-se que há uma insatisfação com o ERE durante a pandemia de COVID-19 por parte dos adolescentes. Para eles o ERE foi insuficiente para assegurar uma aprendizagem significativa, com construção do conhecimento necessário para o ensino médio. A ausência física do professor e dos colegas de classe implicou em dificuldades consideráveis, causando um sentimento de abandono e solidão no processo de ensino-aprendizagem. Além do mais, o uso do smartphone durante as aulas resultou em maior distração e menor foco nos estudos.

Portanto, o desempenho acadêmico dos adolescentes foi afetado negativamente com o ERE. Diante disso, ressalta-se a importância do desenvolvimento de ações psicopedagógicas voltadas à reduzir os impactos negativos do ERE na vida dos estudantes. Assim, destaca-se a relevância de estudos posteriores buscarem compreender as consequências a médio e longo prazo do ERE no sistema educacional brasileiro no contexto pandêmico, bem como na saúde psicoemocional dos estudantes.

## Referências

AQUINO, Estela Maria Motta Lima Leão de Aquino et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2423-2446, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDqq4qT7WtPhvYr/?lang=pt#>

BANCO MUNDIAL. **Agindo agora para proteger o capital humano de nossas crianças**. 2021. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/35276/Acting%20now-sumPT.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERG, Juliana; BLUM VESTENA, Carla Luciane; COSTA-LOBO, Cristina. Criatividade e Autonomia em Tempo de Pandemia: Ensaio Teórico a partir da Pedagogia Social. **Revista Internacional de Educación para la Justicia Social**, v.9, n. 3, 2020.

COLETIVO INTERVOZES. Educação a Distância (EaD) não resolve os desafios do momento e pode aprofundar desigualdades: nota conjunta com o Coletivo Intervozes. In: **Campanha nacional pelo direito à educação**. São Paulo, 13 abr. 2020. Disponível em:

<https://campanha.org.br/noticias/2020/04/13/educacao-distancia-ead-nao-resolve-os-desafios-do-momento-e-pode-aprofundar-desigualdades-nota-conjunta-da-campanha-nacional-pelo-direito-educacao-e-do-coletivo-intervozes/>. Acesso em: 23 set. 2021.

HUANG, Ronghuai et al. Handbook on facilitating flexible learning during educational disruption: The Chinese experience in maintaining uninterrupted learning in COVID-19 outbreak. Beijing: **Smart Learning Institute of Beijing Normal University**, 2020. Disponível em: <https://iite.unesco.org/wp-content/uploads/2020/03/Handbook-on-Facilitating-Flexible-Learning-in-COVID-19-Outbreak-SLIBNU-V1.2-20200315.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

KILINÇEL, Şenay et al, Factors affecting the anxiety levels of adolescents in home-quarantine during COVID-19 pandemic in Turkey, **Asia-Pacific Psychiatry**, v. 13, n. 2, p. e12406, 2021. KINALSKI, Daniela Dal Forno et al. Focus group on qualitative research: experience report. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 2, p. 443–448, 2017.

MALTERUD, Kirsti; SIERSMA, Volkert Dirk; GUASSORA, Ann Dorrit. Sample Size in Qualitative Interview Studies: Guided by Information Power. **Qualitative Health Research**, [S. l.], v. 26, n. 13, p. 1753–1760, 2016.

MÉDICI, Mônica Strege; TATTO, Everson Rodrigo; LEÃO, Marcelo Franco. Percepções de estudantes do Ensino Médio das redes pública e privada sobre atividades remotas ofertadas em tempos de pandemia do coronavírus. **Revista Thema**, v. 18, p. 136-155, 2020.

SANTO, Eniel E.; TRINDADE, Sara Dias. Educação a distância e educação remota emergencial: convergências e divergências. In: MACHADO, Dinamara P. **Educação em tempos de COVID-19: reflexões e narrativas de pais e professores**. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020.

SANTANA, Camila Lima Santana e; BORGES SALES, Kathia Marise, AULA EM CASA: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS DIGITAIS E PANDEMIA COVID-19., **Interfaces Científicas - Educação**, v. 10, n. 1, p. 75–92, 2020.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix Dos; SILVA, Maria Elaine Da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: emergency remote teaching and university professors' mental health. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, [S. l.], v. 21, n. suppl 1, p. 237–243, 2021. DOI: 10.1590/1806-9304202100s100013.

SCARPELLINI, Francesca et al, Distance learning in Italian primary and middle school children during the COVID-19 pandemic: a national survey, **BMC Public Health**, v. 21, n. 1, p. 1035, 2021.

SERRA, Gregorio et al. Smartphone use and addiction during the coronavirus disease 2019 (COVID-19) pandemic: cohort study on 184 Italian children and adolescents. **Italian journal of pediatrics**, v. 47, 2021.

SOUZA, Adrielle Cristina Silva et al. Medidas de segurança durante a pandemia de infecções por coronavírus. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, [S.l.], v. 15, n. 1, abr. 2021. ISSN 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/246701/38112>. Acesso em: 21 set. 2021. doi:https://doi.org/10.5205/1981-8963.2021.246701